

CAMINHOS PARA INCLUSÃO

A família desempenha papel fundamental no processo de inclusão de pessoas com deficiência. Mas não deve caminhar sozinha: também precisa de informação e acolhimento



FOTO: AURÉLIO ALVES

FAMÍLIA:
PROTAGONISTA
DA INCLUSÃO
PÁG. 04

AS BARREIRAS FÍSICAS E DE
ATITUDE QUE INTERFEREM
NA INCLUSÃO DE PCD
PÁG. 06

CONHEÇA A LUTA E A
HISTÓRIA DA ESCRITORA
DANI CARDOSO
PÁG. 15

Sumário

A família como centro da inclusão

03

O protagonismo familiar no processo inclusivo

04

Quais barreiras ainda impedem a inclusão de acontecer?

06

Fortaleza da inclusão

10

Dani não nasceu para ficar na plateia

12

Filmes, séries e livros sobre família e PcD

14

Expediente

GRUPO DE COMUNICAÇÃO O POVO
Presidente Institucional & Publisher: **Luciana Dummar** | Presidente-Executivo: **João Dummar Neto** | Vice-Presidente de Tecnologia e Negócios: **Filipe Dummar** | Diretores de Jornalismo: **Ana Naddaf e Erick Guimarães** | Diretor de Jornalismo Negócios Rádios: **Marcelo Tardin** | Diretor de Negócios: **Alexandre Medina Néri** | Diretora de Pessoas & Cultura: **Cecília Eurides** | Diretor Institucional: **Cliff Villar** | Diretor de Opinião: **Guálter George** | Editorialista-Chefe: **Plínio Bortolotti**

PROJETO CAMINHOS PARA INCLUSÃO
Coordenação Geral: **Valéria Xavier** | Supervisor de Operações: **Valéria Freitas** | Analista de Projetos: **Beth Lopes** | Estratégia e Relacionamento: **Adryana Joca e Deyvison Alvares** | Analista de Operações: **Raffaela Meneses** | Assistente de Projetos: **Renata Paiva** | Projeto Gráfico: **Andreia Araujo** | Design: **Reni Pinheiro** | Textos: **Giovana Feitosa** | Edição: **Camilla Lima e Lucas Casemiro** | Ilustrações: **Rafael Lima Verde**

ESTE É UM PRODUTO CUSTOMIZADO PELO ESTÚDIO O POVO - ESTÚDIO DE BRANDED CONTENT DO O POVO
Coordenadora de Conteúdo: **Camilla Lima** | Coordenador de Criação: **Jansen Lucas** | Coordenadora de Planejamento: **Luana Saraiva** | Coordenadora de Inteligência de Mercado: **Sofia Constance** | Analista de Mídias: **Juliane Marinho** | Analista de Marketing: **Natan Freire** | Redação Publicitária: **Herick Torres**

A família como centro da inclusão

Antes de existir nas políticas públicas ou nas instituições, a inclusão de pessoas com deficiência se constrói dentro de casa, nas relações e nas oportunidades de participação.

AS 7 DIMENSÕES DO PROTAGONISMO FAMILIAR

Dimensão	Foco de Ação
Informação	Conhecer direitos, serviços e possibilidades
Acolhimento	Respeitar o tempo, as necessidades e as particularidades
Autonomia	Estimular a pessoa com deficiência a participar das decisões
Participação	Criar oportunidades para que ela escolha, opine e esteja presente
Articulação	Dialogar com escola, profissionais, serviços e comunidade
Defesa de direitos	Reconhecer e enfrentar situações de exclusão
Convivência	Criar oportunidades reais de participação social

O PAPEL DA FAMÍLIA VS. OS DESAFIOS ENFRENTADOS

O papel central da família

- Acolhimento e afeto: ambiente seguro que fortalece a autoestima e a confiança.
- Estímulo à autonomia: incentivo a tarefas e escolhas do dia a dia para acelerar a independência.
- Rede de apoio: ponte para articular o acesso a terapias, escola e garantias legais.

Desafios diários

- Sobrecarga de cuidados: centralização das tarefas em um único familiar, especialmente em mulheres, exigindo redes externas.
- Barreiras e preconceito: falta de acessibilidade na infraestrutura da cidade, na escola e no lazer.
- Falta de informação: desconhecimento sobre os próprios direitos, o que amplia o isolamento.

DIREITOS, LEGISLAÇÃO E CAPACIDADE CIVIL

Lei Brasileira de Inclusão — LBI (Lei nº 13.146/2015)

Conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência, garante igualdade de condições, atendimento prioritário e proteção integral contra a discriminação.

- Plena capacidade civil: a deficiência não afeta a capacidade civil. Fica garantido o direito de casar, constituir família, decidir sobre ter filhos e exercer direitos sexuais e reprodutivos.
- Proteção direta: é proibida a esterilização compulsória.
- Rede pública de apoio: atuação integrada entre SUS (Saúde) e SUAS (Assistência Social).

CHECKLIST: A INCLUSÃO COMEÇA EM CASA

[✓] **Incentive escolhas:** permita decisões nas pequenas e grandes tarefas;
[✓] **Respeite a autonomia:** ofereça apoio sem anular a independência;
[✓] **Adapte rotinas:** ajuste o ambiente para as necessidades reais da pessoa;
[✓] **Diálogo aberto:** converse frequentemente sobre sentimentos e necessidades.

A inclusão é um processo diário construído a partir da união entre informação, suporte familiar e cumprimento da Lei.

Afeto que sustenta

o protagonismo familiar no processo inclusivo

Quando Ana Liz nasceu, há quatro anos, Aldenisa Moraes não sabia que a filha tinha síndrome de Down. O diagnóstico veio somente no nascimento, depois de uma gestação acompanhada por médicos. “Foi uma surpresa”, conta. Até então, ela nunca havia ouvido falar sobre a síndrome. Foi preciso buscar informações e entender que T21 não é doença, mas uma condição genética, e que estímulo, educação e respeito podem abrir caminho para a autonomia.

Desde então, Ana Liz tem encontrado em casa uma rede de amor, cuidado e proteção. Ainda sem falar, ela descobriu a marcha há pouco mais de um ano e já aprendeu a correr. Enquanto não vai à escola, Aldenisa, o pai Gilmar Ferreira e o irmão Davi Luiz, de 12 anos, acompanham seu desenvolvimento e buscam alternativas diante das dificuldades.

Essa história resume, em miniatura, o que especialistas em inclusão vêm dizendo há décadas: a família costuma ser o primeiro e muitas vezes o único território de acolhimento de uma pessoa com deficiência. É justamente por ocupar esse lugar que essa instituição social também corre o risco de carregar sozinha um peso que deveria ser dividido com a escola, os serviços de saúde e o poder público.

A família como primeira rede de apoio

O convívio familiar é o ponto de partida, considera Aldenisa. “Esse é o primeiro grupo social com o qual convivemos, recebendo os primeiros cuidados, afetos e sentimentos”, aponta. É também em casa que a família enfrenta desafios como a seletividade alimentar de Ana Liz. Diante de profissionais que não conseguiam ajudá-la, a mãe passou a buscar outros especialistas por conta própria.

O psicólogo clínico Alexandre Costa e Silva, que atua com pessoas autistas desde 1993, chama atenção para a necessidade de compreender que cada pessoa pode experimentar o mundo em um ritmo diferente. A palavra-chave “é empatia”, defende.

Um dos riscos nesse processo é confundir proteção com controle. Alexandre usa a imagem do andaime: o apoio deve existir para sustentar a construção e ser retirado gradualmente, conforme a pessoa conquista segurança e independência.

“É fundamental você definir direito como se relaciona com alguém que também tem sua alteridade, porque senão ela não desenvolve independência”, afirma. Para ele, tratar um adulto como criança pode se tornar sufocante, mesmo quando nasce de uma intenção de proteger. O afeto, portanto, não basta. Ele precisa caminhar ao lado de informação, rede de apoio e espaço

para que a pessoa com deficiência participe das próprias decisões.

Ana Liz ainda é criança, mas Aldenisa já pensa nesse futuro. “Ela vai ser o que quiser quando crescer, trabalhar, casar e ser feliz.”

Quando a rede não dá conta

A rotina de Aldenisa mostra como essa sobrecarga também nasce das dificuldades de acesso aos serviços. Ana Liz ainda não conseguiu vaga em uma creche ou escola regular. A mãe conta que procurou instituições próximas, mas encontrou as turmas sem vagas e entrou em uma fila de espera.

Na saúde, depois dos três anos, a menina deixou de ser atendida pela estrutura especializada do Hospital Infantil Albert Sabin, equipamento do Estado do Ceará onde fazia fisioterapia, terapia ocupacional e fonoaudiologia. Desde então, conseguiu uma vaga para terapia ocupacional pelo SUS, mas a fila de espera é enorme, e Ana Liz não acessou fisioterapia e fonoaudiologia.

Quando finalmente conseguia atendimento em outras instituições públicas, a família enfrentava outros desafios: aconteciam em dias diferentes e locais distantes. “Eu passava quase 40 minutos dentro de um Uber. Aí eu chegava lá só para fazer 15 minutos de terapia. Às vezes era até mais cansativo para mim do que para ela”, relata.

As dificuldades mostram que o esforço da família, sozinho, não resolve as barreiras de inclusão. Quando escola, saúde e poder público não oferecem suporte suficiente, a responsabilidade acaba recaindo sobre quem cuida. “Eles acabam transferindo a responsabilidade para quem ama a pessoa com deficiência”, resume Alexandre Costa e Silva.

Cada conquista de Ana Liz é também resultado de uma rotina de estímulos, cuidado e participação familiar

A família também precisa de apoio

Mas quem é essa família? Na prática, ela tem o rosto único de uma mãe. O cuidado ainda recai, em grande medida, sobre as mulheres, que muitas vezes precisam abandonar estudos e trabalho para se dedicar aos filhos. Sem rede de apoio, a sobrecarga pode levar ao adoecimento.

“Quem cuida dessas guerreiras cuidadoras?”, questiona Fátima Dourado. Médica psiquiatra, mãe de seis filhos, três deles autistas, ela acompanha essa realidade há décadas. Fundadora e diretora clínica da Casa da Esperança, criada em Fortaleza há 34 anos, Fátima hoje atende cerca de 1.150 pessoas autistas, entre crianças, jovens e adultos.

De acordo com Fátima, a maioria dessas famílias é formada por mulheres e seus filhos, sem a presença da figura paterna. A responsabilidade pelo cuidado costuma recair sobre a mulher mesmo quando pai e mãe vivem juntos. A médica diz que famílias com mais de um filho com deficiência enfrentam ainda mais obstáculos quando cada um precisa ser atendido em um lugar diferente. Concentrar os serviços, afirma, também é uma forma de cuidar de quem cuida.

FOTOS: AURÉLIO ALVES



Ana Liz, com síndrome de Down, ao lado da mãe e irmão: rotina de cuidados e estímulos é construída com participação de toda a família



Quais barreiras ainda impedem a inclusão de acontecer?

Calçadas inacessíveis são apenas parte do problema; relações, medo e superproteção também podem restringir a autonomia

Quando se fala em barreiras de inclusão, o assunto está diretamente relacionado à autonomia das pessoas com deficiência. Calçadas irregulares, baixa iluminação pública, ausência de piso tátil... Nas praças, nas ruas, nas avenidas e em cidades inteiras falta isso, falta aquilo. A lista de “faltas” na esfera pública, aliás, é enorme. Mas, assim como nem toda barreira é física, tampouco ela está apenas na rua. Algumas estão nas relações, podendo habitar inclusive uma casa e sentar à mesa de jantar com a família, por exemplo. Um assunto bastante delicado, mas que precisa ser pontuado. Mais que isso: precisa ser ensinado, com o cuidado e a gentileza que o tema pede.

“Como mãe de uma criança com deficiência, considero essa uma aprendizagem também para nós (familiares). À medida que nossos filhos desenvolvem autonomia, nós precisamos aprender a abrir espaço para que eles a exerçam. E autonomia não significa fazer tudo sozinho. Significa poder decidir sobre a própria vida e contar com os apoios necessários para exercer essas decisões”, explica Mônica Costa*.

Pós-doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), doutora e mestre em Educação Brasileira pela mesma universidade, especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em

Pedagoga pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), ela ajuda a entender as barreiras em seus aspectos mais desafiadores. Será que elas podem surgir “do amor”, do medo de ver a pessoa com deficiência se machucar ao se expor? Você já deve inferir que sim. Para se aprofundar no assunto, confira a entrevista.

O POVO - Que barreiras existem dentro da própria família e qual o caminho para superá-las?

Mônica Costa - Essa questão precisa ser tratada com muito cuidado, porque as famílias também convivem com medos, inseguranças e com uma sociedade que historicamente associou deficiência à incapacidade. Uma das barreiras mais comuns é a superproteção. Ela geralmente nasce do amor e do medo de que o filho sofra, fracasse, seja discriminado ou se coloque em risco. Mas, quando fazemos permanentemente por uma pessoa aquilo que ela poderia aprender a fazer, podemos, sem intenção, limitar suas experiências.

Construir autonomia envolve permitir escolhas, responsabilidades, tentativas e até erros, considerando, evidentemente, as necessidades de apoio de cada pessoa. E isso começa nas pequenas situações: cuidar dos próprios pertences, escolher uma roupa, fazer uma compra, participar das decisões familiares, aprender a circular pelos espaços e expressar preferências.

OP - O que são barreiras atitudinais e por que elas podem ser tão difíceis de perceber?

MC - Barreiras atitudinais são comportamentos, crenças, preconceitos e formas de se relacionar que limitam a participação plena da pessoa com deficiência. Elas aparecem quando se presume incapacidade antes mesmo de conhecer a pessoa, quando alguém fala com o acompanhante em vez de se dirigir diretamente a ela, quando se acredita que determinado espaço “não é para ela” ou quando se oferece ajuda sem sequer perguntar se ela é necessária. São difíceis de perceber justamente porque muitas foram naturalizadas socialmente. Nem sempre aparecem como uma atitude explicitamente discriminatória. Às vezes, estão revestidas de cuidado, proteção, pena ou até de boas intenções. Por isso, enfrentá-las exige rever nossas próprias concepções sobre deficiência. Assim sendo, a barreira atitudinal começa quando enxergamos a deficiência antes de enxergarmos a pessoa.

OP - Quais comportamentos vistos como “gentileza” podem infantilizar ou retirar a autonomia?

MC - Decidir pela pessoa sem consultá-la, responder perguntas em seu lugar, falar com um adulto com deficiência como se fosse uma criança, tocar em sua cadeira de rodas sem autorização ou oferecer ajuda sem perguntar se ela deseja e de que forma precisa são alguns exemplos.

Isso também acontece dentro das famílias. Muitas vezes, por amor e desejo de proteger, antecipamos todas as necessidades, evitamos qualquer frustração e fazemos tudo pela pessoa. A intenção pode ser cuidado, mas o resultado pode ser redução das oportunidades de desenvolver autonomia.

OP - Como o capacitismo aparece na escola, no trabalho e nos espaços de lazer?

MC - Na escola, ele aparece quando reduzimos as expectativas de aprendizagem, quando o estudante está fisicamente

na sala, mas não participa das mesmas experiências, ou quando sua escolarização fica excessivamente vinculada ao diagnóstico. Inclusão não é apenas matrícula ou presença: é participação, aprendizagem e pertencimento.

No trabalho, aparece quando a pessoa com deficiência é considerada menos capaz antes mesmo de demonstrar suas competências, quando recebe apenas tarefas simplificadas ou quando acessibilidade é entendida como favor e não como direito.

No lazer, aparece quando espaços, atividades culturais, esportivas e turísticas são planejados supondo um único padrão de corpo, comunicação, mobilidade ou comportamento. Em todos esses contextos há uma pergunta importante: a pessoa está apenas presente ou tem condições reais de participar?

OP - Mudar atitudes pode ser tão importante quanto construir estruturas acessíveis?

MC - Podemos construir uma rampa e continuar excluindo quem passa por ela. A acessibilidade física é indispensável, mas não suficiente. Uma escola pode ter banheiro acessível, elevador, sinalização e recursos tecnológicos e, ainda assim, um estudante encontrar professores ou colegas que não acreditam em sua capacidade de aprender. Uma empresa pode cumprir requisitos arquitetônicos e continuar sem oferecer oportunidades reais de desenvolvimento profissional.

Precisamos compreender acessibilidade em sentido amplo: arquitetônica, comunicacional, informacional, tecnológica, pedagógica e, fundamentalmente, atitudinal. Não basta tornar acessível o espaço se continuamos tornando inacessível a participação.

OP - Como transformar inclusão de discurso em prática cotidiana?

MC - Começa quando deixamos de perguntar apenas “o que essa pessoa não consegue fazer?” e passamos a perguntar “quais barreiras estão impedindo sua participação e o que podemos fazer para eliminá-las?”

Na prática, significa escutar a pessoa com deficiência; garantir acessibilidade; oferecer os apoios necessários sem substituir sua voz; assegurar oportunidades de aprendizagem, trabalho, cultura e lazer; respeitar diferentes formas de comunicação e participação; e revisar permanentemente nossas práticas.

Também significa entender que inclusão não é responsabilidade exclusiva da pessoa com deficiência, da família ou de um profissional especializado, mas uma responsabilidade coletiva.



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Mônica Costa foi responsável pela implantação da Coordenadoria de Diversidade e Inclusão da Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza, coordenando políticas voltadas à inclusão, aos direitos humanos e à equidade educacional

SINTAM-SE

EM

CASA.

INCLUIR

É CRIAR UM
ESPAÇO ONDE

TODOS

SE SINTAM EM CASA.



CÂMARA DE
FORTALEZA



No **Espaço Evoluir**,
crianças e adolescentes com síndrome
de Down e autismo recebem
atendimento especializado
e acompanhamento pensado para
suas necessidades e potencialidades.
Esse é o compromisso da
Câmara de Fortaleza com a inclusão.

Fortaleza da inclusão

Lugares para famílias atípicas aproveitarem a cidade

Uma cidade inclusiva também se constrói nos momentos de lazer, cultura e convivência. Em Fortaleza, alguns espaços oferecem recursos pensados para pessoas com deficiência e neurodivergentes, de brinquedos acessíveis a banho de mar assistido e experiências culturais adaptadas.

PARA BRINCAR E CONVIVER

Cidade da Criança

O espaço no Centro conta com brinquedos acessíveis para crianças cadeirantes, permitindo que a brincadeira seja compartilhada por diferentes crianças.

Espaço Mais Infância

Voltado à convivência e ao desenvolvimento infantil, é outra opção para famílias que buscam atividades para as crianças. Fica na Praça Luíza Távora.

Complexo Intergeracional Fortaleza Inclusiva (Cifi)

Na Serrinha, reúne esporte, lazer, cultura e qualificação profissional em um mesmo espaço. Pouco mais de um mês após a inauguração, já havia realizado mais de 2 mil atendimentos.

PARA ACESSAR A CULTURA

Pinacoteca do Ceará

O equipamento reúne diferentes recursos de acessibilidade: placas em braille, piso tátil, audiodescrição e, em algumas exposições, reproduções em 3D de obras, com texturas e volumes. Há guias treinados, inclusive com conhecimento em Libras, além de abafadores de ruído para pessoas autistas.

O espaço também funciona em um único piso na área expositiva, facilitando a circulação de cadeirantes. A iluminação reduzida, utilizada também para preservar algumas obras, pode favorecer pessoas com fotossensibilidade.

Biblioteca Pública Estadual do Ceará (BECE)

O equipamento integra a rede cultural do Estado e também vem ampliando recursos e iniciativas de acessibilidade.

PARA SENTIR O MAR

Beira-Mar de Fortaleza

A região é um dos espaços de Fortaleza que mais avançaram em acessibilidade. O trecho conta com travessias elevadas, vagas reservadas, piso tátil direcional e espaços de circulação acessíveis, facilitando a mobilidade e a autonomia de pessoas com deficiência e idosos.

Projeto Praia Acessível

Na Praia dos Crush, na Praia de Iracema, pessoas com deficiência, mobilidade reduzida e idosos podem tomar banho de mar com acompanhamento especializado.

A estrutura conta com cadeiras anfíbias, passarelas de acesso e banheiros adaptados. O serviço é gratuito e funciona de terça a sábado, das 8h às 12h30.

Agende: acessibilidade@setfor.fortaleza.ce.gov.br | telefone/WhatsApp - (85) 98977-9090.

PARA ESTAR AO AR LIVRE

Bosque Fortaleza Inclusiva

Espaço de convivência e bem-estar no Benfica que reúne área verde, academia ao ar livre e parque infantil, além das sedes da Secretaria dos Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SDHDS) e da Vice-Prefeitura.

PARA PESSOAS AUTISTAS E SUAS FAMÍLIAS

Associação Beneficente Espaço do Autista

Localizada no bairro Engenheiro Luciano Cavalcante, é voltada ao acolhimento e apoio de pessoas no espectro autista e suas famílias.

Espaço Mais Azul

No Joaquim Távora, oferece um ambiente pensado para o público neurodivergente, com atividades e monitores.

A cidade ainda precisa avançar

Apesar das iniciativas, acessibilidade não se resume a criar espaços específicos. Os desafios também estão nas calçadas, travessias, edificações, transportes, comunicação, informação e formação dos profissionais. Uma cidade verdadeiramente acessível não deve ser apenas planejada para pessoas com deficiência, mas com a participação delas.

A professora Zilsa Maria Santiago, do departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, lembra que nenhuma cidade é completamente inclusiva do ponto de vista arquitetônico e urbanístico. “Porque as cidades foram criadas e desenvolvidas muito antes de se pensar e tratar esta questão”, explica. Na avaliação dela, as recentes ações em Fortaleza, como o Plano de Caminhabilidade, continuam no papel, em sua maior parte. “Precisa executar muita coisa”, aponta.

Na avaliação da professora, os maiores desafios estão nas periferias, onde muitas vezes faltam calçadas adequadas ou há desníveis, falta de continuidade e ausência de piso tátil. Equipamentos como restaurantes, comércios e barracas de praia também ainda apresentam barreiras de acesso, observa.

Como avanço, ela destaca a Beira-Mar, que reúne travessias elevadas, vagas reservadas e piso tátil, além de melhorias em escolas estaduais e espaços comerciais, como bancos e shoppings. Ainda assim, a professora reforça que a acessibilidade precisa estar presente no planejamento urbano desde o início.



PERFIL

Dani não nasceu para ficar na plateia

Na literatura, na arte e na defesa dos direitos das pessoas com deficiência, Dani Cardoso faz da própria vida instrumento de representatividade e inclusão

Aos 32 anos, Dani Cardoso já construiu uma trajetória que atravessa a educação, a literatura, a dança, o teatro e a defesa dos direitos das pessoas com deficiência. Natural da periferia de Fortaleza e formada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), ela convive com paralisia cerebral desde o nascimento, uma condição que afeta sua locomoção e sua fala. Ao longo da vida, porém, encontrou na arte e na palavra caminhos para ampliar sua participação e também abrir espaço para que outras pessoas com deficiência se reconheçam.

O interesse pela escrita surgiu ainda na infância, quando o português era sua disciplina preferida na escola. A paixão pela linguagem a levou à graduação em Letras e, posteriormente, à literatura. Hoje, Dani tem três livros publicados: Diário de uma Jovem Cadeirante, Caminhos de uma Mulher Cadeirante e Uma Bailarina Diferente, seu primeiro livro voltado ao público infantil e também o mais recente, lançado em 2026.

Na literatura, Dani também encontra espaço para a representatividade. Em Uma Bailarina Diferente, apresenta às crianças uma personagem cadeirante e aborda sonhos, amizade, respeito às diferenças e inclusão. A proposta é mostrar a deficiência com naturalidade e permitir que crianças com deficiência também possam se enxergar como protagonistas de histórias.

Mas toda essa atuação começou antes dos livros. Durante três anos, Dani foi estagiária do Laboratório de Inclusão Social, vinculado à Secretaria da Proteção Social (SPS) do Estado do Ceará, onde começou a palestrar utilizando tecnologia assistiva. Sua primeira palestra, intitulada “Pernas, para que te quero, se como uma borboleta, posso voar?”, reunia dança, teatro e sua própria experiência para falar sobre os desafios e as possibilidades de uma pessoa com paralisia cerebral. A apresentação chegou a escolas, empresas, à Uece e ao Hospital Sarah Kubitschek. Em dois anos, foram mais de 25 palestras.



Outras linguagens artísticas também ocupam lugar central na trajetória que enche de boas experiências o diário da jovem cadeirante. Aos dez anos, Dani começou a praticar dança em cadeira de rodas e, desde então, já participou de alguns espetáculos. Mais tarde, levou a experiência para o teatro, com cursos na Rede Cuca e uma participação em uma peça apresentada na abertura das Olimpíadas da Juventude da Rede Cuca.

Em 2023 e 2024, roteirizou e atuou no espetáculo infantil Cristais Brincantes, criado de forma independente por um grupo de amigos que se uniu para fazer teatro. A experiência ampliou, além de seu repertório artístico, o seu espaço de criação e protagonismo. É que Dani realmente não nasceu para ficar na plateia.

A importância da família

Por trás dessas conquistas, existe também uma rede de apoio fundamental. Fátima Cardoso, mãe de Dani, diz que a força de vontade da filha e o apoio da família foram determinantes para o sucesso da jovem. Em um momento marcante, quando Dani tinha 17 anos e a mãe enfrentava uma gravidez de risco, a família se mobilizou para garantir que a jovem continuasse estudando.

Dani conta, emocionada, que entre as lembranças mais importantes está a da avó acompanhando-a até a escola e dizendo que, enquanto tivesse forças, teria orgulho de ajudá-la. “Talvez, se eu tivesse parado de estudar naquele período (2010-2011), minha história seria outra”, reflete a escritora, lembrando também dos amigos. “Nesses momentos, tornam-se família”.

Dani defende, entretanto, que o apoio familiar precisa caminhar junto com autonomia. “As famílias precisam, antes de tudo, ver a pessoa com deficiência como protagonista da sua própria vida”, orienta. É mulher adulta, e gosta de ser tratada como tal. Acredita que infantilização e superproteção podem dificultar o desenvolvimento e a construção da tão sonhada autonomia.

“Minha mãe nunca me infantilizou e todos acompanharam essa atitude que foi muito boa para mim. Quem convive comigo não duvida da minha capacidade de fazer minhas escolhas, pois sabe que eu tenho essa autonomia. Claro que cada caso é diferente, mas a infantilização e a superproteção só atrapalham o desenvolvimento da pessoa, sendo ela com ou sem deficiência”, frisa.

O tratamento “comum”, sem as firulas do coitadismo, faz parte inclusive da eliminação de barreiras atitudinais, e respeitar isso é um caminho para permitir que pessoas com deficiência estudem, trabalhem, criem, ocupem espaços culturais e, tal como Dani, tenham as condições necessárias para contar suas próprias histórias.

Lançamento

Embora seja o segundo livro de Dani Cardoso, **Caminhos de uma Mulher Cadeirante** terá seu lançamento oficial em breve

Quando: 8 de outubro, às 18h

Onde: Biblioteca Pública Estadual do Ceará (BECE)

Acompanhe: @blogdanicardoso



FOTOS: INAIL BRAGA

Família é amor!

Família é um grupo de pessoas unidas por amor. Não importa se é tradicional ou totalmente diferente, se é de sangue ou de coração. Família é a base que te incentiva a crescer e realizar seus sonhos.

Por muito tempo, minha família foi praticamente só minha mãe. Tinha vó, tias, mas quem lutava por mim era a dona Fátima, famosa por ser mãe da Dani. Hoje, tenho um irmão adolescente que é uma benção em nossas vidas.

Eles são meu bem mais precioso e a gente se apoia muito. É complicado, há brigas, desentendimentos, mas, sem os dois, eu não sou nada. Então, para mim, é imprescindível a força da minha família na minha trajetória.

Para qualquer pessoa, com ou sem deficiência, ter com quem contar é essencial, mesmo que você não se sinta totalmente compreendido(a) em seu caminho, porém você sempre pode voltar para os braços dos que te amam. Por Dani Cardoso

Se liga nas refs

Filmes, séries e livros que ajudam a entender o papel da família na vida de pessoas com deficiência

Antes de qualquer cartilha ou manual técnico, muita gente aprende sobre deficiência assistindo a um filme, maratonando uma série ou lendo o relato de outra família. Não por acaso: são histórias que colocam o espectador dentro da rotina de quem vive esse processo todos os dias, com seus medos, aprendizados e pequenas vitórias. A seguir, uma seleção de produções retratam, sob diferentes ângulos, o papel da família no caminho da inclusão, do choque inicial do diagnóstico à construção da autonomia.

Filmes

Sou Mais Eu (2018, Brasil)

Baseado no livro autobiográfico de Cristovão Tezza, o filme conta a história de Roberto, pai que descobre que seu filho, Fabrício, tem Down e não lida muito bem com a situação. A produção mostra os problemas vindos dessa revolta e como o sentimento afeta toda a vida da família. Ótimo para falar sobre o processo de aceitação dentro de casa.

CODA - No Ritmo do Coração (2021, França; Estados Unidos)

Vencedor do Oscar de Melhor Filme em 2022, acompanha a história de uma família com deficiência auditiva que comanda um negócio de pesca; Ruby é a única da família que escuta e descobre uma grande paixão pela música. Mostra bem a dinâmica de quem faz a ponte entre a família e o mundo ouvinte.

Lição de Amor / I Am Sam (2001, Estados Unidos)

Retrata um pai com deficiência intelectual que tem a capacidade cognitiva de uma criança de 7 anos, cuja filha começa a ultrapassá-lo intelectualmente; quando uma assistente social tenta colocar a menina em um orfanato, o pai e seus amigos se unem para lutar pela guarda dela. Levanta a discussão sobre quem tem direito de exercer o papel de cuidador.

Hoje Eu Quero Voltar Sozinho (2014, Brasil)

Um delicado filme que acompanha Leonardo, um adolescente cego descobrindo o primeiro amor e a independência.

Crip Camp: Revolução pela Inclusão (2020, Estados Unidos)

O documentário mostra a história de um acampamento de verão nos EUA para pessoas com deficiência, nos anos 1970, um espaço onde não havia o preconceito e a segregação tão presentes na época; ali todos eram tratados igualmente, e ninguém era definido pela própria limitação. Bom para discutir comunidade e rede de apoio além da família.

Temple Grandin (2010, Estados Unidos)

Cinebiografia com Claire Danes no papel de Temple Grandin, mulher autista cujas inovações revolucionaram o manejo humanizado de gado. O filme mostra o apoio constante que ela recebeu da família, especialmente da mãe, para construir sua trajetória sem ser infantilizada. Disponível na HBO Max.

Séries

Atypical (Netflix, 2017–2021)

Acompanha Sam Gardner, jovem de 18 anos diagnosticado dentro do espectro autista que, no fim da adolescência, precisa lidar com faculdade, relacionamento amoroso, sexualidade e pais superprotetores; a série fala sobre bullying, família, amizades e amadurecimento. Excelente gancho para discutir o limite entre proteção e superproteção.

Everything's Gonna Be Okay (Freeform/Star+)

Série de comédia dramática sobre colegas de apartamento, todos autistas, que enfrentam os desafios do dia a dia tentando manter empregos, fazer amizades e se apaixonar. Foca mais na autonomia adulta, útil para contrapor à fase de dependência infantil.

Livros

O Filho Eterno, de Cristovão Tezza

O relato que deu origem ao filme "Sou Mais Eu"; narra em primeira pessoa o processo de um pai aceitando o filho com Down.

Meu Rei Arthur: a chegada de um filho com Síndrome de Down, de Lúcia Cyreno

Relata com sensibilidade as emoções vividas pelos pais ao receber o diagnóstico, como o choque, o luto de expectativas e a reconfiguração de sonhos, colocando a criança como protagonista da própria história, e não como "problema".

Cartas de mães atípicas (coletânea organizada por Leticia Lefevre)

Reúne mais de quatro anos de escuta e relatos reais de mães, sem filtros ou romantizações, falando de medo, cansaço e incertezas, mas também de alegria e pequenas vitórias.

Pensando o mundo a partir da deficiência, org. de Luciana Ferrari e Fabrício Ono

Reúne histórias de vida contadas por pessoas com deficiência e cuidadores, propondo uma leitura crítica sobre o que é "normalidade", capacidade e diferença.

Autismo, família e autonomia: viver em seu próprio tempo e espaço

Confira a íntegra da entrevista com Alexandre Costa e Silva, psicólogo clínico de orientação cognitiva; supervisor institucional e coordenador do coletivo Neurodivergentes da Casa da Esperança



CURSO GRATUITO

Educação Inclusiva: ensinando e aprendendo com as diferenças

Pensado para ampliar conhecimentos e fortalecer práticas inclusivas, o curso contribui para a formação de profissionais e pessoas interessadas em atuar como facilitadores do processo de inclusão de pessoas com deficiência. Participar é investir em mais conhecimento, inclusão e transformação social.

Modalidade: Educação à Distância (EaD)

Duração: 72 horas/aula

Materiais complementares: 6 fascículos digitais, 6 podcasts em formato de debate e 6 videoaulas

Certificação: Universidade Aberta do Nordeste (Uane) e Universidade Estadual do Ceará (Uece)

Gratuito



Aponte a câmera
para o QR Code e
faça sua inscrição!

Conheça os termos técnicos

A linguagem da inclusão pode, muitas vezes, trazer termos e nomenclaturas mais técnicas. Conhecê-los é importante para compreender os direitos, identificar as necessidades e fortalecer a defesa de um mundo mais inclusivo. Reunimos alguns termos utilizados neste caderno para ajudar você a se informar e ampliar seu repertório.

Autonomia

Capacidade de fazer escolhas, expressar vontades e participar das decisões sobre a própria vida.

Apoio

Recursos, pessoas ou estratégias que ajudam a pessoa com deficiência a realizar tarefas e tomar decisões sem retirar seu protagonismo.

Cuidado

Acompanhar, proteger e oferecer suporte quando necessário, respeitando as capacidades, escolhas e limites da pessoa.

Capacidade civil

Direito de exercer atos da vida civil, como casar, constituir família, administrar bens e tomar decisões, independentemente da existência de uma deficiência.

Decisão apoiada

Forma de oferecer suporte para que a pessoa compreenda opções, avalie possibilidades e tome suas próprias decisões.

Protagonismo

Direito de a pessoa falar por si, participar das decisões e ocupar o centro das escolhas que dizem respeito à sua vida.

Superproteção

Quando o cuidado ultrapassa a necessidade de proteção e passa a impedir experiências, escolhas e oportunidades de autonomia.

Adaptação razoável

Mudança ou ajuste necessário para garantir que a pessoa com deficiência possa exercer seus direitos e participar de uma atividade ou ambiente.